

3.2.7. *O Livro da Selva*, de Rudyard Kipling²⁹: sobre um Clássico pós-fabulista

Sra Reis da Silva
(IE – Universidade do Minho)

Amplamente divulgada junto do público infantil, muito por via da conhecida versão Disney, dirigida por Wolfgang Reitherman (1909-1985) e produzida em 1967, *O Livro da Selva* é talvez um dos títulos de Rudyard Kipling (1865-1936) mais correntes nas traduções de todo o mundo.

Escritas em Vermont³⁰, depois do seu autor já ter passado uma parte da vida na Índia, e inicialmente publicadas em revistas em 1893 e 1894, com ilustrações, algumas do pai de Kipling, John Lockwood Kipling (1837-1911), as narrativas breves que enformam a obra em análise são dada à estampa em forma de livro, pela primeira vez, em Inglaterra, em 1894, surgindo, assim, compiladas – três em *O Livro da Selva* e cinco no *Segundo Livro da Selva* – e rapidamente tornadas conhecidas universalmente.

29. Trad. Júlio Henriques, il Kurt Wiese, Lisboa: Tinta da China, 2010.

30. Cf. "The Mowgli stories were begun by Kipling during the winter of 1892, when he was living with his newly-married American wife Carrie at Bliss Cottage, Brattleboro, Vermont" (Carpenter e Prichard, 2005: 282).

Em Portugal, por exemplo, António Sérgio (1883-1969), político, pedagogo e intelectual da década de 20-30 do século XX, adaptou um conto de Kipling e as primeiras edições/traduições em língua portuguesa de que é possível obter notícia, a partir da base de dados da Biblioteca Nacional de Portugal, remontam à década de 60 do século XX, com a chancela da Livros do Brasil. Nas duas décadas seguintes, proliferaram as edições/reedições (por exemplo, pela editora Europa-América), bem como diversas adaptações. Guimarães de Sá, por exemplo, no *Catálogo de Literatura Juvenil*, regista a existência de dois volumes da obra em questão, editados sem data pela Livros do Brasil, com tradução de José Francisco dos Santos. Considera-os adequados a leitores entre os 14 e os 16 anos, como preconiza igualmente a equipa do Projecto Gulbenkian/Casa da Leitura, que situa a obra em causa no âmbito receptivo dos leitores medianos e dos leitores autónomos. De assinalar, pela qualidade da tradução, bem como pelo cuidado gráfico, as edições da obra em questão, em 2010, pela Tinta da China da obra; e, em 2011, pelas Edições Nelson de Matos, neste caso, em dois volumes, *O Livro da Selva* e *O Segundo Livro da Selva*. Uma referência também ao facto de, em 2006, Teresa Lima ter sido agraciada com Prémio Nacional de Ilustração (11ª edição) pelo trabalho artístico desenvolvido a partir de *Histórias de Animais* (Ambar), um belo volume que reúne um conjunto de três narrativas de Kipling, traduzidas e prefaciadas por Isabel Ramalhete. Presentemente, *O Livro da Selva* é uma das obras recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura, por exemplo, para o apoio a projectos relacionados com cidadania, bem como para Leitura Autónoma no 3º Ciclo do Ensino Básico. No caso brasileiro, por exemplo, veio a lume, pela primeira vez, em 1933, com a chancela da Companhia Editora Nacional, integrando a colecção “Terramarear”. Foi traduzido pelo escritor Monteiro Lobato (1882-1948) e intitulado *O Livro da Jângal*³¹. Uma nota, também para assinalar que, publicado em

31. No catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, encontra-se o registo desta mesma obra, datada de 1946.

quase todos os países hispânicos ou “hispano-falantes”, é possível registar cerca de 440 entradas/referências de *O Livro da Selva* nas Bases de Dados, desde 1918 até ao presente.

Acresce, ainda, que esta obra tem dado origem a adaptações de índole variada, desde livros em pequeno formato para pré-leitores³² a volumes de configuração pedagógica³³, apenas para citar dois exemplos.

De facto, um conjunto de aspectos de índole narratológica e, naturalmente, ideotemática terão ditado a popularidade de *O Livro da Selva*, o “grande clássico da selva” (Machado, 2002: 95), como o apelida Ana Maria Machado, que terá certamente servido de alento e inspiração a muitos autores³⁴.

Obra extensa, mas de leitura muito envolvente³⁵, muito devido à intencional proximidade repetidamente tentada/celebrada entre narrador e potencial destinatário extratextual, a sua edição, aqui alvo da nossa análise, é composta por sete apartados, possuindo todos titulação, a saber: “Os irmãos de Mogli”, “A Caçada de Kaá”, “Tigre-Tigre!”, “A Foca Branca”, “Rikki-Tikki-Tavi”, “Tumai dos Elefantes” e “Os Servidores da Rainha”. Interessante é, ainda, do ponto de vista da arquitectura da obra a inclusão não apenas de uma pequena ilustração,

32. Como o volume recentemente editado (Março de 2015) pela Yoyo Studios, na colecção “Sente os contos”.

33. Cf. Gómez Carrizo, *O Livro da Selva/The Jungle Book*, adaptação de Carlos Muñoz Miralles, ilustração de Octavi Navarro e Eric Villa, Idea y Creación Editorial, col. Dicionário Visual Bilingue O Reino Animal, S.L., 2011.

34. Neil Gaiman, por exemplo, um dos mais aclamados autores da contemporaneidade, abre a secção dos agradecimentos da sua famosa narrativa *A Estranha Vida de Nobody Owens (The Graveyard Book)* (Presença, 2010), registando: “Em primeiro lugar e de uma vez para sempre: tenho uma dívida imensa, consciente e, não duvido, inconsciente, para com Rudyard Kipling e os dois volumes da sua notável obra *O Livro da Selva*. Li-os em criança, entusiasmado e impressionado, e voltei a lê-los e relê-los muitas vezes desde então. Se os leitores apenas conheceram o filme de animação da Disney, então deviam ler esses volumes”.

35. Ana Maria Machado sublinha que *O Livro da Selva*, “escrito de um modo tão brilhante, (...) ainda garante uma boa leitura” (Machado, 2002: 95). Cf. por exemplo “O leitor terá agora de se dispor a dar um salto de dez ou onze anos inteirinhos, imaginando a vida maravilhosa que Mogli terá levado entre os lobos, porque, se isso tivesse de ser escrito, encheria muitos livros” (Kipling, 2010: 26).

a abrir cada um dos capítulos, mas também de um breve poema, por vezes, com um breve registo no final, revelador da sua “origem”, autoria ou essência, por exemplo: “Canção nocturna da selva”, “Máximas de Balu”, “Canção de embalar da foca”. A presença de textos poéticos observa-se, igualmente, no fecho de cada secção e, neste caso, estes possuem título e a sua referência consta inclusivamente do índice: “Canção de caça da alcateia Seoni”, “Canção de viagem dos Bandarlog”, “Canção de Mogli”, “Lukannon”, “Cântico de Darzi”, “Xiva e o Gafanhoto” e “Canção da parada dos animais do acampamento”.

Trata-se, na verdade, de um conjunto histórias, na maioria situadas na Índia e na maioria também correspondentes às aventuras vividas por Mogli, menino criado por uma alcateia, que divide o protagonismo com um grupo de carismáticos animais: o lobo Akila, líder dos lobos e companheiro de aventuras; Balu, o urso professor que ensina a Mogli a Lei da Selva; a pantera negra Baguera que instrui o pequeno protagonista humano no sentido de conseguir fogo para se proteger dos seus inimigos; o tigre Shere Khan, verdadeiro inimigo dos homens e de Mogli; entre várias outras. Mogli, nunca deixando de ser quem é – ou seja, um humano entre animais –, evidencia-se, pois, como mais um dos habitantes da selva, entendendo a sua linguagem e fazendo entender-se, vivendo os seus dilemas e angústias, até, as suas tensões sociais.

Com efeito, atendendo ao “desenho” das personagens a que acabámos de aludir (mas não apenas, evidentemente), Kipling poderá situar-se na linha dos pós-fabulistas. As figuras animais por si inventadas e aquilo que representam, muito embora assumindo papéis próprios das suas espécies, reagem, frequentemente, como se de seres humanos se tratassem. Observa-se, inclusivamente, uma rica trama ideotemática na qual se cruzam valores éticos e morais – abrindo caminho à reflexão – que compõem uma especial axiologia. Do individual ao colectivo, do bem ao mal ou do selvagem ao doméstico, por exemplo, são múltiplas as linhas com que se tecem as narrativas de Kipling, textos nos quais os animais se revelam, mas onde a condição humana é igual e pluralmente tematizada, resultando, em úl-

tima instância, como nota Lola Pascual (AA. VV., 2011: 15), numa “narração de perfil psicológico”.

O exotismo não apenas dos cenários (ou das paisagens indianas), mas também do vocabulário, especialmente dos nomes próprios das personagens, aliada à vivacidade das aventuras narradas, sempre num registo vivo, que, a todo o instante, “espanta e sobressalta”, cativam a atenção do leitor.

Também as ilustrações de Kurt Wiese (1887-1974), todas a linhas/traços negros, ocupam um importante espaço na totalidade do volume. Com efeito, estas recriam algumas das figuras e dos cenários mais relevantes da narrativa e, abrindo possibilidades imaginativas, proporcionam também ao destinatário extratextual uma leitura em paralelo/simultânea da obra, auxiliando, até, no aligeiramento do acto de ler, visto que a mancha verbal é bastante extensa e relativamente compacta. Em poucas palavras, como preconiza Teresa Duran, as ilustrações concedem “visibilidade” (AA.VV., 2011: 25) à expressão verbal de Kipling e o seu papel no processo de recepção leitora é, assim, muito relevante.

Perspectivada teoricamente de forma diversa, por exemplo, a partir de tópicos como a inversão da ordem moral entre o mundo dos animais e o mundo dos humanos (Blount, 1975), as políticas do imperialismo metaforizadas, por exemplo, na estrutura fabulística (McClure, 1981), a dualidade cultural sociedade britânica *versus* sociedade indiana (Frey e Griffith, 1987), as questões étnicas e raciais (McBratney, 1992) ou, até, os conceitos de lei do próprio autor (Murray, 1992), apenas para referir alguns casos, parece, portanto, indiscutível o facto da obra analisada neste ensaio, além de ter celebrizado Rudyard Kipling, tornando-o, pois, um dos escritores mais populares e reconhecidos (que, aliás, acabaria por ser agraciado, em 1907, com o Prémio Nobel da Literatura³⁶), representar um dos livros que melhor tem resistido à “erosão do tempo”, ou seja e para finalizar, um clássico universal.

36. Kipling foi, aliás, o primeiro escritor inglês galardoado com o Prémio Nobel da Literatura.



Referências bibliográficas

- AA. VV.** (2011), *Kipling Ilustrado*, Pontevedra: Kalandraka Editora.
- Blount**, Margaret (1975), *Animal Land: The Creatures of Children's Fiction*, New York; William Morrow.
- Carpenter**, Humphrey e Mari **Prichard** (2005), *The Oxford Companion To Children's Literature*, Oxford: Oxford University Press.
- Frey**, Charles e Jonh **Griffith** (1987), *The Literary Heritage of Childhood: An Appraisal of Children's Classics in the Western Tradition*, Westpor: Conn: Greenwood Press.
- Machado**, Ana Maria (2002), *Como e Por Que Ler Os Clássicos Universais desde Cedo*, Rio de Janeiro: Objetiva.
- McBratney**, John (1992), "Imperial subjects, imperial space in Kipling's *Jungle Book*", *Victorian Studies*, 35, nº 3, pp. 277-293.
- McClure**, John (1981), *Kipling and Conrad: The Colonial Fiction*, Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Murray**, John (1992), "The law of *The Jungle Books*", *Children's Literature*, 20, pp. 1-92.
- Neumark**, Victoria (2009), "*The Jungle Book*" in *1001 Children's Books you Must Read Before You Grow Up*, London: Quintessence, p. 207.
- Sá**, Domingos Guimarães de (1977), *Catálogo de Literatura Juvenil*, Braga: Editorial Franciscana, p. 190.